

Entre Coleções:

Maria Eugénia e Francisco Garcia

Museu de Arte Contemporânea da Madeira

A luz da antropologia, a propensão para acumular objetos encerra em si as mais diversas motivações e interesses, seguindo, à partida, uma orientação que assenta na premência da construção de processos de memória e acumulação patrimonial que são próximos a quem coleciona — ao seu ciclo de vida —, e, não poucas vezes, orientados de acordo com perceções condicionadas pelos vínculos que o indivíduo estabelece como decorrência da sua ação intersocial. Como referência, recordemos os escritos de Émile Durkheim, Georges Bataille, Georg Simmel e Maurice Halbwachs, entre outros, sobre esta matéria, que em comum têm a defesa da ideia do carácter universal do ato de colecionar, demonstrando que tais práticas são orientadas por princípios e valores definidos socialmente e de acordo com o enquadramento territorial.

Os objetos colecionados estabelecem o reconhecimento entre os indivíduos, mediando significativamente as suas relações. A este reconhecimento está intrinsecamente ligada a noção de identidade, uma identidade que não é revelada de forma inteira e definitiva, mas que se apresenta como complexa e, até, sob uma forma compósita e sedimentar. Maalouf, a este propósito, regista que cada um dos seus pertences o conecta a um vasto número de pessoas; entretanto, quanto mais numerosos são os pertences que tem, mais específica se revela a sua identidade. A metamorfose de que fala Amin Maalouf e que Gilles Lipovetsky enquadra nos conceitos de emocionalização do objeto e de continuidade social-histórica, remete-nos para a seletividade, por vezes cirúrgica, do objeto colecionado e para o grau de emotividade que esse objeto transporta, à dimensão cognitiva e às (re)significações a ele atribuídas pelo colecionador, acrescentando uma nova ordem material à cultura e ao seu consumo. O ato de colecionar é, portanto, um exercício comunicacional que não depende de um discurso organizado de forma racional ou desvinculado de emoção, mas de fatores decorrentes do processo de socialização.

Uma coleção é o espelho identitário de quem a organiza, não necessariamente de quem dela frui.

A estas condicionantes não foram alheios Maria Eugénia e Francisco Garcia que ancoraram a coleção, que o Museu de Arte Contemporânea da Madeira agora apresenta (ensaando um diálogo cruzado com o seu próprio acervo), em torno de uma esfera de afetos e amizades, cujo contributo para o crescimento do gosto pela fruição estética e exercício de colecionar, dos próprios, se fez crescer, sobretudo, entre as décadas de 50 e 70 do século passado. Nesta cadeia de liaisons, José-Augusto França, António Pedro e Fernando Lemos são peças chave, pela relação de amizade, muito próxima, que mantinham com a família Garcia, mas também, no caso do primeiro, pelo papel cimeiro que desempenhou na criação de uma identidade histórica com referência à arte

contemporânea em Portugal. É ainda de relevar, para o estabelecimento desta relação de proximidade, que o último texto escrito em vida por José-Augusto França versa, justamente, a propósito desta coleção.

Embora com enquadramentos motivacionais de base distintos, as coleções que se cruzam em diálogo nesta exposição têm na sua génese vários pontos comuns. Estas proximidades, estéticas e históricas, por cruzamentos de autores, obras e períodos de produção, são o mote que articula o projeto curatorial que aqui se apresenta, sem esquecer a exposição organizada pelo Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC), em 2021, à data com curadoria de Raquel Henriques da Silva, Cristina Azevedo Tavares e Maria de Aires da Silveira, cujo olhar aturado sobre a coleção Garcia orienta uma primeira exposição deste conjunto, selecionando e construindo uma narrativa em torno do núcleo de obras que agora serve de base à proposta apresentada neste museu.

A diversidade e densidade das obras expostas, os enquadramentos estilísticos, formais e históricos, que aqui se misturam, são testemunho dos princípios germinais e unificadores que orientam a produção artística contemporânea portuguesa desde os anos 60 até ao presente. Por paralelo, fazem também prova da natureza pessoal e afetiva que orienta a visão de um colecionador particular, mas também da polaridade que envolve a construção de uma coleção pública como a que o MUDAS.Museu presentemente ostenta.

Márcia de Sousa
Diretora do MUDAS.Museu e curadora da exposição

Maaletd. Arou" (2000). As Identidades Assassinas, Atoes: Difel Difusaº Editora, S,A.; p. 27.
ALMADA NEGREIROS. Sem título [Nu à janela], 1946. Guache sobre cartão. 41 x 35 cm. Coleção Maria Eugénia e Francisco Garcia. Foto: Pedro Soares

MUDAS.Museu de Arte Contemporânea da Madeira T 291820900 | E mudas@madeira.gov.pt
www.mudasmuseuvirtualcom | facebook.com/MUDASmuseu

Secretaria Regional de Turismo e Cultura